



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE

PRESIDENTE: ALFREDINHO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
DATA: 05 DE ABRIL DE 2018

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Declaro abertos os trabalhos da 4ª Audiência Pública da Comissão de Política Urbana Metropolitana e Meio Ambiente no ano de 2018.

Informo que esta reunião está sendo transmitida por meio do portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.camara.sp.gov.br, no link *Auditórios Online*. A íntegra desta Audiência Pública estará disponível ao público em geral no portal da Câmara Municipal de São Paulo, em www.camara.sp.gov.br, no link *Audiências Públicas, Registro Escrito*. Também estará no *Diário Oficial*.

Aqui não há nenhum nome de convidado, mas qual é o nome do rapaz do Meio Ambiente? Paulo Ricardo Garcia, da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, que eu convido para fazer parte da Mesa. Não há vereador presente além de mim, que sou membro da comissão.

Vou abrir diretamente para o plenário, para as pessoas que estão aqui, em plenário. Parece que, na última Audiência Pública, ficaram sem falar algumas pessoas. Eu vou chamar pela ordem as pessoas que não falaram na Audiência Pública passada. Para quem não estiver aqui, tudo bem. As que quiserem falar e não estão aqui podem se inscrever.

Quer-se justificar a ausência do nobre Vereador Gilberto Natalini, não é? Como é gravado, fale ao microfone.

(NÃO IDENTIFICADO) – O nobre Vereador Gilberto Natalini veio organizando o evento que está acontecendo agora. Inclusive, eu estou acompanhando, aqui, pelo celular. Está com muita, muita gente. Há uma repercussão muito grande. É muito importante. É o evento *Defendendo o SUS*.

O nosso País tem o maior Sistema Único de Saúde do mundo. É o mais complexo, também. Nós estamos perdendo, ao longo dos governos, esse sistema. Então, o nobre Vereador Gilberto Natalini é muito oposto a isso e reuniu um grande número de pessoas, que está, agora, em marcha, em defesa do SUS.

Desculpa-se imensamente, porque para S.Exa. não há assunto prioritário entre

esses dois. Os dois assuntos são da mesma importância, mas era um compromisso seu com muita gente, lá, na passeata.

Era isso. Um abraço a vocês.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Vamos fazer o seguinte. Agora, que há a presença do nobre Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy, vamos abrir diretamente para o público e, depois, para os membros da Mesa, por enquanto, o nobre Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy, mais o Paulo, que aqui está.

Eu vou iniciar pelos inscritos da última audiência que não puderam falar, começando pela Marília. A Marília se encontra? São três minutos para a fala de cada um. Você pode falar, porque estamos abrindo para os que não falaram. Aos que quiserem falar hoje a inscrição está aberta. Foram os que não conseguiram falar na última reunião, mas se inscreveram. Não foi possível falarem.

A SRA. MARÍLIA – Posso retirar agora a minha fala e falar depois, na hora em que terminar?

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Sem problema nenhum. Vou chamar o próximo, então.

Thais se encontra? Tem o tempo de três minutos.

A SRA. THAIS TAVERNA – Bom dia a todos. Meu nome é Thais Taverna. Eu estou representando a Sodepro, Sociedade em Defesa das Tradições e Progresso da Bela Vista. É difícil ser a primeira a falar porque demoramos pra aquecer nosso coração, apesar de estarmos num grupo bem grande.

Hoje nós entendemos que a luta não é mais de um grupo, essa luta se estendeu para o bairro inteiro. Podemos ver que, aos poucos, os integrantes da comunidade do Bixiga estão chegando, comunidade que é muito grande, muito forte.

Primeiramente, antes de falar do Parque, pra quem não se inscreveu, acho importante mesmo que você ache que não tem nada a dizer, tipo, no microfone, mas é

importante como cidadão porque o que conta é a quantidade de nossas vozes. Quem aqui estiver da comunidade, vamos juntar as nossas forças.

Estamos discutindo esse assunto e o meu pensamento é que as torres não devem existir. Há um rio correndo debaixo e vai acabar com a lei de tombamento que existe no bairro. Sabe-se que se esse projeto absurdo for acatado, o bairro inteiro vai se descaracterizar, e um bairro com grande povoamento, com uma questão cultural vem desde sempre, desde a sua construção. Toda sua origem persiste no bairro com o samba, com a capoeira, enfim, com todos os integrantes dos movimentos culturais e sociais que aqui estão presentes e devem começar a falar.

Estou precisando me aquecer um pouco mais, mas é isso: contra as torres, a favor do parque, pró Bixiga, em prol da comunidade, pró-história, pró-tombamento, pró-memória!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado, Thaís, falou no tempo exato.

Tem a palavra a Sra. Silvia Prado.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Permita-me informar que a Silvia Prado é uma das principais atrizes do Teatro Oficina, e tantas vezes têm realizado apresentações brilhantes. E com as crianças do bairro, tem dado toda a sua atenção.

Permita-me perguntar: em que ano você começou a trabalhar no Teatro Oficina e em quais as peças? Muitas delas eu assisti e você participava do elenco. Por favor.

A SRA. SILVIA PRADO – Eu entrei no Oficina em 1998, fiz *Cacilda; Boca de Ouro; Bacantes; Os Sertões; Bandidos*, e tudo mais que aconteceu no Oficina depois disso. E agora o *Rei da Vela* que graças ao movimento maravilhoso que está acontecendo, apesar de todo massacre pelo qual passamos, está indo para o Rio de Janeiro, nessa segunda-feira, houve um movimento imenso, nós vamos pra lá fazer o *Rei da Vela*.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Antes de a Silvia continuar, as inscrições estão sendo feitas aqui ao lado. Quem quiser se inscrever, por favor.

A SRA. SILVIA PRADO – Semana passada tinha escrito o meu texto porque apesar de estar sempre no palco, quando temos de falar fora da máscara, é sempre mais difícil. Vou tentar lembrar porque não estou achando o e-mail e não quero gastar meus três minutos.

Apesar de ter essa história toda no Oficina, o meu desejo de falar sobre o Parque do Bixiga não é exatamente como atriz, mas como uma das fundadoras e coordenadoras do Movimento Bixigão, e focar numa questão que hoje está representada e foi representada na assembleia passada, focar na questão da infância.

Uma das coisas mais prejudiciais em relação à construção das torres é principalmente a infância. Acredito que se esse espaço for construído – mas creio que não vá – não será espaço de inclusão das pessoas que moram no Bixiga, principalmente para as crianças que moram no Bixiga.

Há uma fala do Paulo sobre a gestão, de como manter o Parque. Acho que tem de ser levado em conta que ao lado do Parque há um Teatro que tem grande atividade há muito tempo. E um desses trabalhos é o Movimento Bixigão que desde 2002 faz trabalho com a capoeira, com o circo, com música, sempre norteados por uma peça, por uma obra. Uma obra dramaturgica guia as oficinas que nós fazemos.

Espero que a gestão, que a manutenção do Parque seja pensada, seja considerada como uma questão coletiva, da comunidade, com todas as entidades que atuam no bairro pra não pensar num sistema ou numa parte só ou só a questão da Secretaria do Verde, para então o pensamento seja dividido.

Outra coisa fundamental nessa luta é que há uma obra que norteou o Movimento Bixigão, que se chama *Horácios e Curiácios* do Brecht. Ela é maravilhosa porque um lado é muito equipado com armas; e o outro tem um tipo só de armamento. O lado que tem um tipo só de armamento, tem de ter uma invenção imensa pra transformar a realidade em estratégia.

Acho que é isso que temos de fazer porque enquanto o Grupo Silvio Santos tem

uma verba imensa e uma militância pra ir de porta em porta colhendo assinaturas, dizendo que nós vamos povoar o Parque do Bixiga de *crakeiros* e todas essas questões, povoar com insegurança, aqui estão pessoas que moram no Bixiga e querem um novo jeito de pensar.

Outra coisa: queria que pensassem sobre o que nós, no as pessoas que nós colocamos no poder pra administrar estão propondo para as nossas crianças, para os nossos adolescentes como modelo de Cidade. Temos um modelo de confinamento, de consumo e quem não tem condição ou vai trabalhar mais cedo pra conseguir acesso aos bens materiais ou vai sair roubando. Nós estamos projetando esse tipo de evolução. Então crescer e estar no mundo, é ter, é possuir e não viver, estar no parque.

Então o Parque do Bixiga é importante pelo simples fato de existir. E é para os moradores, as crianças do Bixiga terem espaço pra brincar e só. É ter o direito à infância estando num parque, estando numa área verde.

É isso, obrigada.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Anuncio presença da Vereadora Sâmia Bomfim. Agradeço também a presença do pessoal do SASF.

Tem a palavra o Sr. Augusto.

O SR. AUGUSTO – Bom dia. Estou representando a Rede Novos Parques, que é uma aliança formada há quatro anos na Cidade, que busca conectar as áreas verdes ameaçadas, e o Bixiga é uma delas, é uma das áreas verdes centrais que está ameaçada pelo mercado imobiliário.

Venho trazer uma fala não tanto local, embora tenha afinidade, um amor muito grande pela comunidade do Bixiga. Trago uma proposta de pensarmos a questão das áreas verdes, numa perspectiva mais sistêmica.

Na aliança Rede Novos Parque há 48 áreas verdes que sobraram na Cidade. Na parte central há o Parque do Bixiga e o Parque Augusta. Mas há áreas verdes em todos os

cantos da Cidade – norte, sul, leste, oeste, centro e periferia – e o que nós vemos hoje é a questão da conscientização, da sensibilização das comunidades para preservar as áreas desejando que se tornem parques públicos. Quero colocar a perspectiva de que somos muitos locais agindo, mas há o desejo da gente pensar e ter ajuda mutua entre os movimentos para que assim junto possamos nos fortalecer.

Em relação especificamente ao Parque do Bixiga, pra nós ele é muito importante porque evoca além da questão do Parque, à questão dos rios urbanos de São Paulo, que foram sacrificados, canalizados numa falha de projeto de cidade.

Grande parte dos parques hoje que formam a Rede, talvez mais da metade, possuem rios canalizados dentro ou tangendo essas as áreas. Há um desejo cada vez mais latente de usar nossa inteligência e repensar o papel dos rios da Cidade.

Vivemos em uma metrópole fluvial, permeada de rios e desprezamos os rios vivendo ameaças hídricas que podem ser constantes, sendo que temos potencial de autonomia. Está na hora de repensarmos o papel dos rios nas áreas verdes, lembrando também do desejo das comunidades de ter esse lugar. Há um desejo já mencionado de experimentarmos novas formas de gestão dos espaços públicos. Com um olhar mais amplo significa também, dentro da perspectiva em que hoje vivemos que é um pouco assustadora, buscar novas formas de vida onde diversos mundos podem coexistir.

Vivemos uma grande cisão entre os mundos, cada vez mais radical, e vai ter um momento em que teremos de aprender a estar juntos, a viver, a dialogar juntos. Esses territórios, essas comunidades trazem como potencial a união desses vários mundos. Claro, com divergências ideológicas, com divergências de vida, mas há um ponto comum: o desejo de um parque, um elogio à vida, o desejo de pensar juntos novas formas de vida.

Então o que está atrás do Parque Bixiga, dessa rede de parques, é o desejo de a gente repensar este mundo que não está muito legal.

Era isso, obrigado.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Tem a palavra José Celso Martinez. (Pausa)
Não chegou. Tem a palavra Sr. Welington.

O SR. WELINGTON – Bom dia. Sou morador do bairro. Estou como Presidente do Conselho da EMEF Celso Leite, a única escola de ensino fundamental da região Centro e da Bela Vista. Venho aqui trazer a voz, o apoio dos alunos da escola e de seus familiares.

Trago aqui um relato da nossa primeira ação junto à comunidade depois da nossa reunião de trabalho, reunião com a comunidade, na segunda-feira, na Igreja Aquiopita, com os alunos de educação para jovens e adultos. Foi uma reunião em que estava mais de 130 pessoas: a Marília; o Jaime; a Nádia do Portal do Bixiga; a Thaís; o Seu Valter; o Paulo Santiago; o pessoal do Bloco Fuá; vários moradores, pessoas que apoiam essa luta. A reunião foi incrível, pudemos ver que a comunidade realmente se importa com o que está acontecendo, de fato se importa com a implantação do Parque. Quer ter uma área verde, quer ter uma área para lazer, para esporte. Cada vez mais, essa mobilização está crescendo.

Agora deixo aqui um convite a todos pra nossa próxima reunião da comunidade, que será na terça-feira, 19h, na EMEF Celso Leite. Estamos convocando toda comunidade, todos estão convidados para participar da reunião e trazer sua contribuição para que possamos construir, cada vez mais, o nosso objetivo que é a implantação do Parque do Bixiga.

Terminamos a reunião com um coro que une a comunidade, coro que vem ao encontro: A torre cai, o parque fica, comunidade pelo Parque do Bixiga! Acho que dessa forma conseguimos unir e trazer o pessoal do SASF, a molecada, as crianças, o Minhoca da Casa Ananias que propaga cultura, esporte e tudo mais pra molecada. Tudo isso está enriquecendo, cada vez mais, e o objetivo é o Parque.

Uma vez foi falado sobre verba, o Parque pode ser constituído, mas existe a questão da verba. Acredito que não, a verba pode ser uma barreira, mas uma barreira que, assim como os muros do terreno serão derrubados pra construção do Parque, acredito que

através de um mutirão, junto com a comunidade, nós iremos implantar o Parque. Se não vier dinheiro público, vai ter suor, sangue e enxada de cada morador do Bixiga na construção do Parque. (Palmas) Vamos nós plantar nossas árvores, vamos nós levar as nossas crianças, pintar aquele Parque!

Fica aqui o recado da comunidade, o total apoio. Vamos fazer movimento em cada gabinete desta Casa com cada um dos Vereadores, pedir o apoio para aprovação do Parque do Bixiga.

É isso, obrigado.

Bom dia!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – A próxima é Júlia Vieira.

A SRA. JÚLIA VIEIRA – Bom dia a todas, a todos. Sou moradora do Bixiga, sou sua admiradora desde 1988. Quero saudar primeiramente as crianças, a minha fala traz certa preocupação com elas, com as crianças.

O Bixiga vive hoje um momento de extrema fragilidade, principalmente para a população materialmente menos favorecida. Segundo informação de instituição que trabalha com imóveis tombados, existe muitos pedidos, pedido para dois tombamentos de imóveis já adquiridos por especuladores que têm interesse em empreender no bairro, e não para restaurá-lo na configuração atual, mas para atender a outro público com poder aquisitivo muito maior. E a gentrificação do Bixiga, que faz de um lugar ocupado por população pobre, depois de restaurado e revigorado, seja ocupado por uma população nobre. (Pausa) É isso que diz o dicionário, estou falando as palavras do Houaiss, mas não que eu concorde.

Além dos riscos sociais, os empreendimentos em questão trazem sérios impactos ambientais, a exemplo das torres de 25 andares no entorno do Teatro Oficina, existe projetos também de 25 andares em áreas extremamente frágeis da bacia hidrográfica do Rio Saracura. Nas encostas da Rua dos Franceses há muitos olhos d'água desses rios, onde houve

recentemente desabamento de muro de arrimo tombado pelo Conpresp ocasionado por uso e ocupação inadequado dessas áreas frágeis. Talvez até consigamos evitar a construção das torres na área envoltória do Teatro oficina, hoje destombado pelo Condephaat. E até realizaremos o desejo de ter na área um parque dos sonhos, mas a quem servirá esse parque? Se não houver o movimento unido e de resistência com muito trabalho junto aos órgãos comprometidos à especulação, estaremos lutando para a realização de um parque para os nobres, que virão muito rapidamente ocupar o bairro. E não mais para as crianças dos cortiços, que estarão na inauguração do parque daqui a alguns anos, morando na periferia da Cidade.

Lembro que o Parque Augusta viveu e vive processo similar. O Prefeito Haddad sancionou o PL na Lei 15.941, em 23 de dezembro de 2013. E até hoje, embora o esforço de inúmeros movimentos continuarem na luta para abrirem o Parque Augusta, que de fato já existe, o comando das negociações estão sendo feitas diretamente entre os especuladores e a Prefeitura Municipal.

A exemplo do Parque Augusta, com a lentidão dos processos junto aos poderes, em cinco anos muita água irá rolar. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado. A próxima a falar é a Marília de Oliveira. Estamos com quase 15 inscritos, ao final da fala da Marília estarão encerradas as inscrições.

A SRA. MARÍLIA DE OLIVEIRA – Só para dizer por que eu deixei minha fala mais para o final. Depois da reunião, que foi muito forte, na segunda-feira, na Igreja da Achirópita, houve uma guinada nesse movimento. A comunidade, de fato, tomou esse avião e sacou da potência que é transformar aquele terreno, no coração de São Paulo, num espaço público, sobretudo um parque.

Vou falar o que já disse na audiência passada que é da importância da função urbana que tem um parque. Para além de um lugar que cumpre uma função ambiental e ser um lugar que é um respiro e pode ser um oásis no meio dessa cidade que está enfartada de

prédios e de carros, e ser um lugar permeável para receber a água da chuva, um lugar onde as crianças que são da comunidade estão no bairro, podem estar em contato com a água, do rio do Bixiga que atravessa aquele terreno, além de tudo, a natureza tem uma função educadora. Ela é um laboratório de criação, descoberta de como funciona e como funcionava o bioma da cidade de São Paulo. Então, ela tem uma potência de reflorestamento, de compreensão em todos os sentidos. Mas além de cumprir essa função ambiental, ela cumpre uma função humana muito forte, porque é um lugar de encontro, é um espaço público que tem essa função do exercício político, essa potência do encontro, das relações humanas, onde a gente se apaixona e cria coletivamente.

Acho que a potência de um parque é muito completa. Falo isso porque estamos diante de uma Mesa da Comissão de Política Urbana, então, para além de tudo isso que está sendo falado, que é de extrema importância, para a cidade de São Paulo, ali é o lugar, onde de fato podemos fazer um plano piloto, inventar uma outra maneira de viver dentro de centros urbanos.

Uma outra coisa é voltar a lembrar que o bairro do Bixiga é tombado pelo Conpresp, que é o órgão de preservação do patrimônio municipal.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. MARÍLIA DE OLIVEIRA- Exatamente, está aqui o Walter Taverna, que foi quem colocou em pauta e o grande autor desse tombamento. Só sei que essas torres, esse empreendimento, que é catastrófico e se pretende construir, e que hoje queremos construir o Parque do Bixiga, precisa ser analisado do ponto de vista do tombamento do bairro. A resolução está lá, alei não protege só o patrimônio material, arquitetônico que é de extrema importância, mas protege a população residente.

Na resolução fala que qualquer coisa que for construída no bairro do Bixiga não pode gerar um movimento de expulsão da população de migrantes, de pobre e de artistas que hoje dão o valor cultural e imaterial para o bairro do Bixiga.

Então, é fundamental que se preserve as casas, não só o casario, mas o poder de criação das pessoas que estão lá e preservar o valor ambiental, porque o bairro do Bixiga é um bairro que tem uma bacia hidrográfica muito rica, são três rios que formam essa bacia, o rio do Bixiga, o Itororó e o Saracura. Uma vegetação exuberante que vai ganhar muito mais potência se esse lugar de fato virar o Parque do Bixiga. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado. Chamo o próximo, Diego.

O SR. DIEGO – Todo mundo já comprou a ideia do parque, acho que isso já está bem claro, a importância de um parque no Bixiga. É um projeto maravilhoso que foi levantado Fichini, acho que a comunidade inteira está comprando. A discussão sobre o parque não é muito minha especialidade, essa questão de como fazer, mas é bom termos em mente que é uma oportunidade da comunidade e das pessoas se mobilizarem, se unirem e entenderem a importância que a união tem. Se todos se unirem, se tiverem um propósito, juntando todos conseguiremos muitas coisas. A ideia é essa, é nos apropriarmos do que é nosso, o Bixiga sempre foi um bairro de resistência, de luta, um bairro que abrigou o primeiro quilombo, abrigou imigrantes fugidos da segunda guerra, um bairro que abrigou migrantes fugindo da seca nordestina e que hoje abriga imigrantes vindo do Taiti, de vários lugares.

O que temos de ter em mente é que o Bixiga é um território de luta, resistência, com os teatros, com a cultura, com a culinária, com tudo. Acho que o Bixiga mostra o que é o Brasil, essa questão da população, ao mesmo tempo você tem o Morro dos Ingleses com uma população de classe média, lá embaixo uma população em situação de vulnerabilidade, as crianças jogando futebol na Bela Vista. É um bairro maravilhoso porque compõe toda essa diversidade que é o Brasil. Acho que isso que é importante. O processo de conseguirmos o Parque do Bixiga vamos aprender muito como indivíduo, comunidade, população. A torre cai, o parque fica, viva o Parque do Bixiga. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado. O próximo é o Newton Massafumi.

O SR. NEWTON MASSAFUMI – Bom dia, mais uma vez estamos aqui para

colaborar e participar desse processo. Meu nome é Newton Massafumi, sou arquiteto, urbanista e dou aula na Escola da Cidade, que fica aqui perto.

É de nossa parte analisar...

para colaborar e participar desse processo. Meu nome é Newton Massafumi, sou arquiteto e urbanista e dou aula na Escola da Cidade Festa. É de nossa parte analisar urbanisticamente o que significa esse lugar.

Na verdade, não é por acaso que esse movimento acontece exatamente aqui, quer dizer, é aqui que nós acumulamos uma série de valores que esta cidade foi obtendo ao longo do tempo. Esse valor está colocado nesses diversos grupos que compõem a questão social que é esse fruto que nós temos lá e que poderá, cada vez mais, participar da Cidade de uma forma mais compartilhada, ou seja, cada um dos seus segmentos sociais poderá ocupar cada vez mais aquilo que é nosso, ou seja, o que é público e observar com critério aquilo que poderá se transformar também.

Esta participação no fundo é um exercício de cidadania que nós não vimos até então, mas nós temos isso em potencial porque basta você acionar uma questão que todos nós comparecemos. Estamos presentes. Então, essa presença é de fundamental importância porque daqui a pouco deverá se espalhar pela Cidade. Está Cidade terá que ter cada vez mais os seus espaços públicos governados pela população, governados por uma governança local, quem sabe. São esses inúmeros locais que poderão colaborar decisivamente para a mudança da nossa forma de governar.

Temos que repensar nossa forma de governar sim. Sabemos disso e estamos assistindo isso a todo o momento. É exatamente esse movimento que nós estamos fazendo aqui. É um nascedouro de outra maneira de governar, outra maneira de ver a Cidade. Os nossos espaços públicos foram construídos para as necessidades públicas. Será que a rua é feita somente para o carro? Não podemos fazer uma gestão do espaço público de forma que as horas de uso daquele espaço público poderão ser adequadas conforme as nossas

necessidades?

Será que os espaços vazios desta Cidade não podem acontecer a mesma coisa? Será que os edifícios privados não poderão ser também compartilhados em alguns pedaços? Temos uma matemática muito simples onde o que é privado é fechado e o que é público é aberto. A matemática de mais simples. Temos uma capacidade de fazer uma matemática muito mais complexa, por favor. Os espaços públicos podem ser utilizados em horas muito diferentes, os edifícios que ficam ociosos muitas vezes são públicos.

Eu fico dentro da minha casa no final de semana com as minhas crianças brincando no corredor do meu prédio, tendo que ter a roupa lavada e secada em cima do fogão e a rua fica vazia. Que doidera é essa que nós estamos fazendo? (Palmas)

Onde nós estamos? Não é isso? Mas é essa organização que estamos fazendo é que pode proporcionar outra governança. Nós vamos cuidar do que é nosso, por favor. Nós vamos mudar o jeito de ser dos nossos espaços.

E aí vamos olhar os espaços que são aptos a serem parque, aptos a serem coletivos. E assim é que podemos caminhar. Então, o Parque do Bixiga não só é uma necessidade social, cultural para nós, mas é também o início de um novo processo. Então, vamos continuar e queremos continuar assim. Vamos continuar fazendo com que ocorra um desdobramento daquilo que se inicia aqui e que agente vai, cada vez mais, se aliar com técnicos, com comunidades, com os movimentos culturais e sociais para que a gente modifique essa Cidade. Ela tem um potencial enorme para que a gente possa mudar significativamente a qualidade desses espaços.(Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) - Obrigado.

Tem a palavra, pela ordem, o nobre Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Queria informar especialmente as atrizes e moços que estão presentes há pelo menos seis lugares vagos ali.

Queria fazer um apelo para que a nossa equipe - Veranice, Rodrigues e os demais

- se puderem solicitar ao departamento de taquigrafia que possamos ter o quanto antes as Notas Taquigráficas das duas plenárias sobre o Parque do Bixiga. Que possamos o quanto antes enviar o vídeo e as Notas Taquigráficas. Acho que seria quase impossível até o dia 6. O ideal seria até mandar para o Prefeito João Doria antes que ele saia, mas para o Prefeito Bruno Covas, que vai assumir. Estão sendo tão interessantes e ricos os depoimentos que estamos tendo, então, certamente, será importantíssimo que façamos chegar às mãos até do Prefeito João Doria por não ter prosseguido no diálogo até agora com o Silvio Santos, que eu continuo a pedir, mas que então vamos solicitar o Prefeito Bruno Covas, que faça esse diálogo com os responsáveis pelo grupo Silvio Santos.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) - Obrigado, Vereador Suplicy.

Tem a palavra o Sr. Sadalla Domingos.

O SR. SADALLA DOMINGOS - Bom dia a todos. Bom dia, Vereadores, moradores do Bixiga, comunidade. Estou aqui para falar sobre a questão do espaço do terreno, mas remeter essa questão do espaço do terreno para toda a possibilidade que tem de construir um acordo que envolva toda a bacia do Córrego do Bixiga.

Então, para que o rio se torne um rio sustentável até que ele se possa ser recuperado, eu gosto de usar a palavra re-naturalizado, que a tradução feita pelos alemães que fizeram projeto emblemático no Rio de Janeiro de um sucesso extraordinário, mas que parou, um projeto na Baixada Fluminense. Só que esse esforço parou e o que se assiste hoje em relação aos rios urbanos são projetos ineficazes e ineficientes, fechados em uma estrutura de fazer um projeto exclusivo, vamos dizer, em gabinete etc. e tal e que não funcionam. Agora a gente precisa trazer essa coisa para São Paulo e o momento e a oportunidade é essa questão do Parque do Bixiga, é essa questão do impasse que a gente observa, que nós observamos e que toda a sociedade observa entre os interesses de um grupo privado, poderoso e os interesses da área cultural e os interesses da sociedade como um todo.

Então esse caso pode ser um caso exemplar. Eu quero chamar à atenção que esse

caso exemplar não é um caso exclusivo dessa área. É um caso que, num primeiro momento, se amplia até a Paulista onde começa a Bacia do Bexiga. Então toda água que cai é água de chuva entre a praça Oswaldo Cruz e a Brigadeiro Luis Antonio e escoar, ou infiltra, ou evapora, escoar e passa ali em frente o Teatro Oficina e passa entre o Teatro e a rua da Abolição.

Vamos dizer então, toda essa bacia hidrográfica tem de ser chamada à participação. Toda ela. Eu até – vamos dizer – gostaria de pedir a todos um esforço adicional para conversar com todo mundo para que esse projeto seja um projeto, assim, emblemático, da Cidade. Algo exemplar da Cidade. Para que nós façamos algo que possa ser reproduzida em todos os rios da Cidade, aproveitando essa condição que é excepcional dessa questão do impasse que persiste há décadas. Vamos resolver isso da melhor forma para a sociedade, como um exemplo para tudo. Essa bacia do Bexiga pode ser esse exemplo. Ela não tem uma condição tão conflitiva como outros lugares que eu conheço aqui em São Paulo.

O córrego do Antonico, por exemplo, que nasce na favela de Paraisópolis, desce, passa em cima do Morumbi, vai para a avenida João Jorge Saad, é um cenário muito mais difícil. Nesse caso do Bexiga, nós temos massa crítica, temos sociedade organizada, temos o poder da sociedade organizada, temos um caso exemplar de defesa do patrimônio cultural, de todo o legado do Teatro Oficina. Vamos construir esse acordo.

E, sinto muito, quero dizer isso, sinto muito que essa questão – vamos dizer – seja a questão que vai onerar o grupo empresarial Silvio Santos, mas azar deles. É esse o momento histórico que ele vai ter de sobrar, não tem jeito. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado. Próxima oradora é a Célia Marcondes.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPPLY – Mas, Sr. Sadalla, o senhor tem de ver que é perfeitamente possível que a Prefeitura possa fazer uma troca de área com o Grupo Silvio Santos de maneira a, do ponto de vista econômico, equilibrar a situação. (Pausa) Ele quer fazer uma observação adicional.

O SR. SADALLA DOMINGOS – Agradeço ao Vereador Suplicy essa oportunidade, mas tem algo que acho interessante que surgiu na reunião de trabalho passada que o Vereador Natalini se manifestou, que é, a partir de uma intervenção, não me lembro em que momento, e que existe na mão do Governo a caneta do poder. Então se o Governo Municipal quiser abaixar o valor de mercado inicialmente, porque na hora da negociação com o agente público é preciso que o Governo, vamos dizer, tome alguma iniciativa para colocar isso exatamente na forma como as coisas são.

Então se for editado um DUP, Vereador, um Decreto de Utilidade Pública do parque especificando exatamente onde é o limite, onde é a área da planície de inundação do rio, e onde que seria a propriedade privada, onde começaria a propriedade privada, ou seja, faz um estudo técnico para delimitar essas áreas e aí elege ou dita-se um DUP – Decreto de Utilidade Pública, desculpe, Utilidade Pública, LUP, que durante 5 anos congela aquela área e aí sim o Poder Público cria condições de pautar o processo de negociação e não..., com o processo de negociação, assim, aberto com a iniciativa privada. (Palmas)

A SRA. CÉLIA MARCONDES – Bom dia, sou Célia Marcondes, sou advogada, fundadora da Associação dos Proprietários e Protetores e Usuários de Bens Tombados e sou fundadora da Sociedade dos Amigos Moradores e Empreendedores de Cerqueira César, que abrange os Jardins e a Consolação, e há 18 anos na luta em prol do parque Augusta.

Tem uma matéria, hoje, em *O Estado de S.Paulo* que é importante ler, já está para acontecer o parque. Ele será viabilizado.

Quero puxar essa linha para cá, porque nós conseguimos o parque Augusta graças a uma permuta de imóvel ocioso da cidade de São Paulo pela área do parque Augusta, sem precisar praticar o desrespeito à propriedade alheia, porque o Silvio Santos é proprietário da área, então não podemos dizer “não, vai doar a área, é obrigado a deixar”, ao contrário, queremos respeitar o direito de propriedade e propor para ele a permuta, com um dos três outros imóveis que sobraram da oferta com a permuta do parque Augusta. São três áreas

perfeitamente passíveis, factíveis de troca e estavam lá disponíveis. E as construtoras resolveram por outra de Pinheiros. Portanto, tem três outras lá, também ociosas, disponíveis e podemos trazê-las aqui e os senhores viabilizarem essa permuta. Sem custas para o erário público. Sem despesas para o erário.

Além disso, resolvemos criar um documento seguindo exatamente aquilo que fizemos do parque Augusta, que é: Vereadores que apoiam o parque do Bexiga. Do parque Augusta conseguimos 29 Vereadores dos 55. E aqui nós queremos conseguir mais. Então, nós escrevemos algo que a sociedade civil paulistana unida, em busca de uma cidade sustentável, busca apoio dos Vereadores que apoiam o parque o do Bexiga. E a seguir a lista dos Vereadores que o apoiam.

O primeiro deles é o Vereador Natalini, autor da lei; o segundo é o Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy e gostaríamos que V.Exa., Vereador Alfredinho, que o senhor fosse o terceiro Vereador a apoiar o parque do Bexiga, e a senhora, Vereadora Sâmia Bomfim, a quarta Vereadora, se possível. Está aqui o documento e gostaríamos que assinassem, na presença de toda a sociedade civil e do povo de São Paulo que espera e busca uma cidade sustentável. Aqui, na presença de todos.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Pode trazer, assinarei com muito prazer. (Pausa) Vereadora Sâmia Bomfim, para assinatura. (Pausa) (Palmas)

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – E vamos convidar a todos os 55 Vereadores para assinarem também. Pelo menos todos serão convidados.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Próximo orador é o Sr. Marco Ribeiro, depois nosso amigo arquiteto, depois dele, o senhor acrescenta o que gostaria.

O SR. MARCO RIBEIRO – Bom dia a todos e todas, vou ceder um minutinho aqui para o companheiro Diego que é uma entidade do Bexiga, ele está com as crianças e precisa ir embora. Então nada mais justo ele fala rapidinho, depois eu falo.

O SR. DIEGO – Bom dia a todos. Trabalhamos numa casa de acolhida chamada

Casas Taiguara, não sei se vocês conhecem. Trabalho lá há 8 anos, sou da quebrada de São Miguel, dou aula de violão, de artesanato, tudo que envolve arte. A gente quer o apoio à Cinthia, que veio por uma boa causa, para que façam o parque.

Assim, nós trabalhamos lá, sai de lá, vai para o Sesc, olha a caminhada que é, vai para o Centro Cultural, na Vergueiro, olha novamente a caminhada. Qualquer lugar não tem espaço para a gente brincar. Então assim, para eles continuarem tocando violão, como eles querem e eles falam o 'oitão', pois trabalhamos com menores de vulnerabilidade, porque sai da fundação, para eles não saírem pelas ruas fazendo coisas erradas, nós esperamos que se passe por cima de direitos – sei que vai ser difícil -, mas, assim, em relação à imagem eles não podem mostrar a imagem para a TV Câmara, então é essa situação. Quem quiser tirar foto, não é essa ideia.

Então é isso: fazer com que seja a área de lazer esteja aqui perto. Porque trabalho há 8 anos e olha o percurso que fazemos para ir ao Ibirapuera, para a p..., sacou? Então não tem jeito. Estamos na extrema emergência, essa ideia do lazer para as crianças. Lógico, estávamos passando, viemos para brincar aqui, entramos, vamos sair para almoçar, vamos pegar essa caminhada, à tarde vamos para o SESC, então, reforçando, é melhor um violão do que um 'oitão'. Vamos criançada, elas vão almoçar agora. (Palmas)

O SR. MARCO RIBEIRO – Vamos lá. Vou fazer minha intervenção, sou Marco Ribeiro, do Bloco do Fuá, que ele não falou, e que sai do Bexiga. Estou vendo a comunidade aqui, a Leonora, a Cintia, a Rose, o Minhoca, estou vendo muita gente da comunidade aqui, a UMES, os comerciantes, o Valter Taverna, o Teatro Oficina, tudo aqui, em peso.

Acho que a partir de segunda-feira, quando teve a reunião lá na igreja da Achiropita, houve um acordão e, pela primeira vez, eu vejo o Bexiga unido por uma coisa. Todas as forças do bairro estavam lá. Ah... esqueci de falar do pessoal do 13, da Bateria do 13 que também estava ali, e perdão, está ali e que é super importante.

Bom, a minha intervenção é quase igual à que fiz segunda-feira. Vamos lá. Um

prédio, três prédios de cem metros cada um, com três pavimentos para baixo, vai destruir as casas dos anos 50 que tem no Jardim Heloísa, que tem na rua Japurá e que tem na rua do Bexiga.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. MARCO RIBEIRO – Pois é, o prédio Oficina do lado vai estremecer, um prédio tombado, maravilhoso, daquele jeito. As casas do Jardim Heloísa, quem conhece a rua Jardim Heloísa vai ver que as casas são bonitinhas, aquela rua devia ser tombada, devia ser super bem tratada, porque é linda. É um monte de casinhas, sobradinhos, com porãozinho em cima, é lindo. E aquilo é do lado, vai cair. Se construir aqueles prédios vai cair. E será terrível. Vamos perder um patrimônio imenso do Bexiga.

Além disso, e o adensamento, as ruas do Bexiga comportam tantos carros que vão entrar lá? Não comportam. As ruas do Bexiga são pequenas, são feitas para as pessoas passarem. Nunca vi tantos carros.

E um empreendimento de um milhão, de mais de um milhão, com duas vagas de garagem cada apartamento, com três torres, quantos carros não terão lá? Vai deformar o Bixiga. A gente não quer isso. Bixiga tem alma. As pessoas estão nos bares, fazem churrasquinho na rua. É isso que é o Bixiga. O Bixiga é diferente. E eu falo como morador do Bixiga.

Além disso, como é que vai ser com a sombra? A sombra vai estragar um monte de coisa do Bixiga, porque três torres tão altas vão dar uma sombra imensa no Bixiga. Vai dar umidade em um monte de lugar que já tem umidade. Quantos e quantos casos temos de pessoas dividindo vários cômodos e imagina isso com mais frio e com mais sombra? Já é insalubre.

E por último, a especulação. O Bixiga é o lugar onde a especulação imobiliária está de olho. Na Rua Conselheiro Ramalho já há dois empreendimentos, prédios, que querem construir, sendo que não pode construir prédio no Bixiga. O Bixiga é tombado.

E por último, agora que o bairro está mais forte, a gente só precisa se unir mais. Terça-feira tem reunião e a gente tem de convocar mais entidades. Eu falei dos sindicatos. Eu

me lembro do sindicato dos radialistas, dos advogados, dos padeiros, todos esses sindicatos ficam no Bixiga. A gente precisa chamar essas entidades, elas têm força.

Tem reunião na Conseg, então a gente tem de ir lá e falar: “Queremos o parque do Bixiga e vamos disputar espaço na Conseg”. Eu me proponho ir lá e falar.

Parque do Bixiga já. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Chegou aqui o Osvaldinho da Cuíca.

O SR. _____ (NÃO IDENTIFICADO) – Considerações técnicas nos seguintes termos. Como temos lá uma área tombada pelo patrimônio, esse tombamento o que significa? Que há um esforço dos órgãos que cuidam das edificações que consideram aquele lugar como de reconhecido valor histórico. Quer dizer, na verdade, é um reconhecimento social, cultural nosso, de que aquele lugar tem um valor em nossa história e que deve ser preservado. Esse valor é que é muito difícil se imaginar que em uma cidade que tem uma área tombada, você possa solicitar um destombamento. Quer dizer, é fora de propósito. O que você pode é sempre valorizar, cada vez mais, aquele lugar, através de iniciativas que não tenham impacto negativo.

Então, o que estamos caminhando aqui é para o impacto positivo daquele lugar que já foi considerado como sendo uma área a ser considerada como de valor. E nós, reconhecendo esse valor, vamos promover alguma coisa que melhore aquele lugar, não que crie um impacto negativo. Ou seja, tudo que se possa fazer para criar um impacto positivo, temos de trabalhar para isso. E os impactos positivos são possíveis de serem observados na medida em que são reconhecidos pela comunidade. Existem inúmeros imóveis que são tombados, mas que têm um tombamento só material. Aí fica aquele material que ninguém cuida. Também acontece o inverso. Você tem uma comunidade com valor social, mas tem uma precariedade material. Temos essas contradições o tempo todo. Mas, nesse caso, temos uma convergência muito rica, onde temos um patrimônio preservado e o imaterial presente. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Próxima, Nádia Garcia.

A SRA. NÁDIA GARGIA – Para fazer a minha fala, eu vou voltar um pouquinho no tempo.

Sou nascida no Bixiga e quando eu era criança eu brincava de fazer um jornalzinho do bairro. Eu tinha o maior orgulho de fazer a cobertura da Festa da Achirópita, da Vai Vai, do Bloco Esfarrapado, do bolo do Sr. Valter. Eu tinha e tenho o maior orgulho de ser do Bixiga.

Então, complementando a fala de todo mundo aqui, não sou a favor do parque, mas sou a favor do Bixiga, porque o processo das torres e de vários processos de destombamento do bairro, isso vai acabar com o Bixiga. Claro que a Bela Vista sobrevive, mas não é isso que eu quero. Estou aqui pelo Bixiga, para preservar toda essa história e estou vendo gente aqui da comunidade, e isso é muito bacana.

Agora que eu cresci, eu montei o portal do Bixiga e escrevo sobre o bairro, e quero continuar escrevendo. O Bixiga é um estado de espírito e ele tem de continuar existindo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – obrigado.

Próximo, Carlos Garcia.

O SR. CARLOS GARCIA – Bom dia para todo mundo.

Eu queria extrapolar, um pouquinho, a questão do Bixiga, porque eu acredito que a importância de uma audiência como essa é para que todos possamos nos municiar de argumentos, cada vez melhores e mais fortes, para que possamos chegar nas pessoas que conhecemos e convencê-las da importância desse projeto, da importância do parque do Bixiga e de todas as ações que são relativas a isso.

São Paulo adocece pela histórica falta de planejamento. São Paulo cresceu de uma forma muito desordenada e as pessoas adoecem por causa disso. Onde eu quero chegar? Recentemente, na região do Itaim, foi construído o shopping JK e para que esse shopping pudesse sair do papel teve de ser construído um viário. Agora pense você em três torres de cem metros, mil apartamentos construídos à beira da ligação Leste/Oeste? À beira da Brigadeiro Luiz Antonio, Vinte e Três de Maio? O que isso pode impactar? Tantos carros circulando naquela região, o que isso pode impactar? O seu amigo, que mora na zona Leste, também vai ter a vida impactada. Então, você tem de convencer o seu amigo que a vida vai ser impactada. Os eu amigo que mora na zona Sul, que trabalha no Centro, a vida dele vai ser impactada e ele precisa ser convencido disso, porque a Cidade inteira precisa abraçar essa causa, porque isso aqui é o centro de São Paulo. Bixiga é o coração de São Paulo.

Hoje de manhã, no meu programa de rádio, eu fiz uma enquete pedindo para que as pessoas trouxessem ideias para melhorar a Cidade. E algumas pessoas, até com base no comentário que fizemos, disseram que o que precisa ser melhorado é a educação de base, para que a próxima geração aprende a gostar da Cidade. A criança, gostando da Cidade, aprende a cuidar da Cidade. Infelizmente, com essas audiências e com esse projeto, não

conseguimos mudar toda a educação em nossa cidade.

Como já foi citado, isso aqui pode servir de exemplo para que se faça toda a Cidade abraçar projetos parecidos. De repente, conseguimos um impacto suficiente para termos uma Cidade melhor. Então, que isso aqui seja um projeto-piloto transformador e que, com todos esses argumentos que estamos ouvindo aqui, possamos convencer todo mundo, para que São Paulo possa abraçar esse projeto, porque, como eu falei, Bixiga é o coração de São Paulo.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado.

Próximo, Rodrigo Bruno Lima.

O SR. SUPLICY – Anuncio as presenças de José Celso Martinez Corrêa, Diretor do Teatro Oficina, e de Marcelo Drummond, um dos principais atores do Teatro Oficina. (Palmas)

O SR. RODRIGO BRUNO LIMA – Meu nome é Rodrigo, e Minhoca é o meu apelido. Eu venho aqui falar em nome de minha capoeira, a minha tradição e identidade, e não posso deixar de falar em meu Mestre Ananias, que nos deixou em 2016. E quando eu falo, de onde eu falo, que é como capoeira, é muito óbvio falar dessa necessidade de um parque. É óbvio.

Eu não tenho como fazer a capoeira e levar a criançada se eu não tiver ambiente. Eu vim para o bairro há 11 anos e esse projeto, que é a minha vida toda, era de ter o que eu nunca tive. E o pouco que a gente pode ter, que, aí, vocês têm uma responsabilidade imensa e a gente, sem dúvida alguma, também,... é um parque. A criançada não tem lugar, e não é só a criançada não. Eu não tenho.

Os prédios podem ser feitos em outro lugar. Tem um monte de espaço em que se pode enfiar prédio. Por que tem de enfiar no último espaço? Todos os lugares fora do Brasil têm parque. É cheio de parque. Por que a nossa São Paulo, o nosso Bixiga? Não é possível que a gente tenha de se mobilizar, de correr, sair largando nossos filhos, nossa vida e nosso trabalho para falar de uma coisa óbvia? É óbvio que os caras vão continuar super bem de vida. Pelo amor de Deus. Olha o tamanho de São Paulo para botar prédio. Não dá mais para ter. A gente já sabe. Eu, como capoeira, venho falar. A gente tem muita visibilidade. A gente bota um vídeo de capoeira e, aí, fora do Brasil a capoeira é a maior divulgadora da língua portuguesa e dos valores da nossa cultura. Então, a gente pode se um portal de projetos. Se precisar, a gente pode, sim, mobilizar a galera. A gente mobilizou na Praça da República e bombou.

Obrigado. (Palmas)

O SR. SUPLICY – Eu queria saber se posso ter aula de capoeira no parque.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado.

André Luiz de Azevedo.

O SR. ANDRÉ LUIZ DE AZEVEDO – Olá, bom dia.

Tem uma coisa que nos emociona muito e que é sentir o pé molhado, não sei se vocês estão sentindo. Porque a água que passou no parque do Bixiga está passando por nós agora, e o parque já é. Não sei se vocês estão sentindo... O parque já é, só basta tirar o muro e os carros que estão lá. Aí, depois, a gente já pode ocupar e fazer muita coisa, porque a Cidade já tem um conjunto de leis que garante o uso daquele parque para as nossas finalidades. Por exemplo, a Cidade tem um programa de agricultura urbana. Então, quem puder fechar o olho agora já vai ver lá um viveiro de mudas. Quem quiser fechar o olho agora, já pode sentir um banco de sementes crioulas para a gente plantar em todo o restante da Cidade. Quem puder fechar o olho e sentir a presença dessas águas, já vai olhar ali um espaço de educação ambiental, porque, inclusive, na Cidade existe uma Universidade Livre da Cultura de Paz, onde se pode fazer cursos de viverismo. A gente já pode fazer. Basta, agora, a Comissão aprovar e, no próximo orçamento da Cidade, indicar o recurso para o parque. A gente já pode começar a construir o comitê gestor do parque, de um caráter popular, porque o parque vai ser de toda a comunidade. E eu tenho muita preocupação com a ideia dos troca-trocas de imóveis. A gente tem que ter uma coisa, muito sensível, de não cair na conversa da especulação imobiliária. Só a Cohab tem 900 imóveis, que estão sendo usados aí para formar capital e especulação imobiliária. Então, parques, com todos os instrumentos que a gente tem, inclusive está previsto, no Plano Diretor Estratégico, há uma seção ali, no Plano Diretor Estratégico, que fala dos equipamentos públicos, e fala de parques, fala dos sistemas de mercados populares. Ali, em frente ao parque, há um sacolão, e, na ideia do Yana, já estava previsto para ser concedido. Então, se a gente não cuidar muito rápido desse parque, toda a Cidade vai estar a venda. Até outros prefeitos já pensaram até em conceder... Baixaram inteiro ali, na rua, para concessão privada. Então, a gente tem que estar sempre muito alerta.

Por fim, a gente tem que pensar que, nesse parque, está sendo discutido todo o Bixiga, toda a Cidade e, a partir do parque, a gente vai poder discutir o direito à moradia, o direito à educação popular e o direito à saúde por todas as Unidades Básicas de Saúde que

estão no território. Então, não é a luta só por um parque, é a luta pela Cidade por inteiro, articulando com todas essas dimensões da vida, porque todo mundo ali quer ter moradia digna. Todo mundo ali está querendo ter o seu trabalho, com geração de renda em todo o comércio que há no entorno. Então, o assunto não está desagregado da discussão do direito à Cidade. (Palmas)

Só para finalizar, só uma última mensagem, foi aprovada uma declaração há um mês, no Fórum Mundial de Cidades, na Malásia, e o Governo de São Paulo levou, assinando essa declaração, que uma das principais prioridades da Cidade é a compactação, o adensamento adequado, o direito à sustentabilidade e a preservação do patrimônio. Ou há uma loucura, no mal sentido, mas São Paulo assinou essa declaração no Fórum Mundial. É fundamental que a gente coloque já, nos comentários da comissão, esses elementos que baseiam a decisão. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Tem a palavra o Sr. Laerte Brasil.

O SR. LAERTE BRASIL – Eu sou Presidente da Fan Centro Sustentável e também sou (ininteligível) global da Unesca, Universidade de Massas. Abriu em 93 países. Primeiramente eu venho cumprimentar aqui o Vereador Alfredinho, Presidente da comissão e o Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy. Em seus nomes, eu peço a permissão para cumprimentar as demais autoridades, a todos os artistas reunidos aqui para debate as políticas públicas do Bixiga. Para chegar ao Bixiga, eu vou fazer um triângulo, eu falar de Liverpool, há 60 anos, na Inglaterra, e Dretroit, nos Estados Unidos. Liverpool é uma cidade industrializada, comercializada, com parte pujante, e 800 moradores. Detroit é uma cidade industrializada, com quase dois milhões de habitantes. Não houve políticas públicas. As indústrias saíram de Liverpool e saíram de Detroit. Hoje Detroit tem 300 mil pessoas e Liverpool 250, mas, aqui, em São Paulo, é bem diferente, porque sempre, em 2030, haverá quase quinze mil habitantes, moradores aqui na cidade de São Paulo, uma Cidade cosmopolita, com PIB de 576 bilhões, mas é uma metrópole insustentável(?). Sessenta e oito

por cento da população aqui vive com zero a três salários mínimos por mês. O bairro do Bixiga é cultural, conhecido no mundo inteiro. É um bairro pujante, e empreendedores que ajudaram a construir aquele bairro, e o PIB aqui da cidade de São Paulo... O Sr. Walter, da Taberna, é um grande lutador ali daquele bairro, ajudou a erguer aquele bairro dentro da fundação, e até Sílvio Santos, que veio do Rio. Veio morar ali numa pensão, no Bixiga, veio de baixo. Também é um grande lutador, é um grande campeão da vida.

O que está acontecendo aqui em São Paulo? (ininteligível) corrupção implantada aqui pelo Governo do Estado expulsou mais de 43% das empresas aqui da cidade de São Paulo. São Paulo hoje tem dois milhões e 350 mil famílias desempregadas.

Eu vi uma fala do... Prefeito que toma agora, sexta-feira, o Sr. Bruno Covas. Também o considero um grande político, mas com uma visão errônea, porque S.Exa. falou que ia aumentar os impostos, IPTU, para haver mais arrecadação. O que acontece? Se essa Câmara aprova um imposto como esse, São Paulo vai perder mais 500 mil postos de empregos, porque as pequenas e microempresas vão falir e vão sair da cidade de São Paulo, porque não vão aguentar pagar aluguéis aqui caríssimos.

Voltando aqui na tese do Bixiga, nós defendemos o Parque do Bixiga, um parque cultural, voltado para a raiz e a diversidade cultural, tanto do Bixiga quanto da cidade de São Paulo. Sílvio Santos vai, diplomaticamente, doar aquela área ou vai conversar com as autoridades da Prefeitura para desapropriar aquela área, para construir o Parque do Bixiga.
(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Tem a palavra a Sra. Keila Pereira, da UMES.

A SRA. KEILA PEREIRA – Boa tarde. Queria primeiro cumprimentar a Mesa, Vereadores Alfredinho, Eduardo Matarazzo Suplicy e Sâmia Bomfim. É bom estar com V.Exas. novamente. Eu queria repetir um pouquinho do que eu falei mesmo na reunião que a gente conseguiu fazer na Achirópita, organizada ali pelo Sr. Wellington. Conseguimos mobilizar muitas pessoas e a gente conseguiu fazer uma boa reunião, e hoje está sendo o resultado já

desse início de uma grande mobilização que a gente vai conseguir fazer por todo o bairro, com todas as entidades, com todas as escolas, instituições e tudo o que for necessário mobilizar. Dentro do que tudo que foi colocado, há um grupo de pessoas que precisa da nossa atenção, mas principalmente da atenção do Poder Público, que é a juventude. Eu sou diretora de cultura da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo, que está sediada no Bixiga desde 1994. Eu acho que a gente precisa se atentar a isso. Durante a juventude, a gente se desenvolve mentalmente e fisicamente. A gente desenvolve as nossas relações e passa a viver em sociedade de fato, desenvolvendo a nossa cidadania.

Qual é a situação de atendimento à juventude nos dias de hoje? É uma escola pública sucateada. Tudo o que a gente tem de aparelho público são as escolas, e são sucateadas com professores mal pagos. É uma escola destruída, que não ensina, que não emancipa e que só interessa a que lucra com isso. Fora isso, não há mais nada. A garotada do Bixiga sai do Caetano da Consolação, sai do Rodrigues Alves e vai para casa ou fica na rua. Não há outras opções. Não há alternativa. As poucas alternativas que há são as que essa comunidade aqui constrói. É a Capoeira da UMES, é a Casa Mestre Ananias e é o Teatro Oficina. Isso tem que partir, na verdade, do Poder Público. O que a gente faz é bom, mas não é suficiente. Tem que haver aparelho público para a juventude sim, e é uma vergonha falar isso de um bairro central, que é o Bixiga. É uma vergonha eu ter que falar isso de um bairro que está aqui na cara da Prefeitura, na cara da Avenida Paulista, na cara dos poderosos.

Então, esse é o recado que eu tenho para deixar aqui, da UMES de São Paulo. Todo nosso apoio à criação do Parque do Bixiga. Vamos ajudar a construir essa luta, mobilizando os estudantes do Bixiga e quem mais tiver que este unir a essa luta.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Eu queria sugerir que o Sr. Walter Taverna use a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Tem a palavra o Sr. Walter Taverna.

O SR. WALTER TAVERNA – Eu quero agradecer o nosso amigo, que está em todas as reuniões, essa figura muito simpática, o amigo nosso. Eu gostaria de falar para V.Exas. que eu sou uma pessoa que nasci no bairro, no fundo de uma cocheira. As dificuldades eram tamanhas e eu comecei a lembrar de muitas coisas.

Voltando ao parque, que eu apoio, não há dúvida alguma, o mais importante de tudo é um centro turístico italiano, que há dentro da área. Estão esquecendo que aqui é muito importante, e é conhecido no mundo todo. Não só eu como muita gente vem lutando em defesa disso. A partir daí...

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – A sua palavra é muito importante.

O SR. WALTER TAVERNA – Eu estou defendendo há muito, há 40 anos, o tombamento do bairro. Também me lembro de se ser feito o calçadão na 13 de Maio e um amplo estacionamento subterrâneo na 13 de Maio também, porque daqui a cinco ou dez anos, não haverá lugar para estacionar nada, e nós perdemos o centro turístico italiano. Havia uma homenagem daqueles que vieram para fazer as suas riquezas e os seus trabalhos. Esse tombamento é muito importante, porque nós precisamos não só de restaurantes, como principalmente as cantinas italianas conhecidas. Isso tem que ficar. Não podemos nos esquecer também dos teatros, que é muito importante. Nós temos uns amigos que vêm lutando há mais de muitos anos, para ninguém mexer nisso. Eles querem tomar conta daquilo que é nosso.

Eu gostaria também de deixar bem claro que eu, na minha vontade, venho lutando e divulgando esse bairro de norte a sul deste País, porque nós temos que saber que o Bixiga é conhecido não só pela meia dúzia de restaurantes. Podemos ampliar aquilo lá, aquelas casas antigas, restaurando e dando lugar ao próprio comércio, porque lá é um centro turístico italiano.

Eu gostaria de homenagear o nosso Vereador, por ter mencionado meu nome, para poder falar alguma coisa. Infelizmente eu falo pouco. Eu trabalho mais com a cabeça do que com outra coisa.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPPLY – O seu testemunho é muito importante. Espero que o Prefeito João Doria, o Bruno Covas e o Silvio Santos estejam ouvindo. Vamos mandar os depoimentos de todos que falaram.

O SR. – Tenho certeza de que o pessoal que você mencionou eram conhecidos meus. Trabalhei com ele, com o Covas, trabalhei com Silvio Santos, todo esse pessoal, inclusive seu filho, tenho ajudado um pouco.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPPLY – O Supla?

R – O Supla. Ele traz alegria para todos. Isso é muito importante.

P – Então, vou convidar o senhor para o show dele amanhã no Auditório do Parque Ibirapuera, 21h. O Supla vai lançar o CD e vídeo dele sobre “llegal”. Ele entrevista inúmeros imigrantes em São Paulo, presta solidariedade a eles e ele faz uma crítica severa ao muro do Donald Trump e dá chute e derruba o muro.

R – Eu acredito que o Bairro do Bixiga é um Centro Turístico Italiano, de onde vem gente de todo lugar prestigiar. Não podemos deixar de ter o teatro bom como o do Zé Celso, que vem lutando como um louco e pelo Parque do Bixiga, que vai ser um trabalho muito bonito.

Quem nasceu na Rua 13 de Maio no fundo de uma cocheira, eu procuro fazer o quê? Ser um advogado, um médico? Eu sou um simples tocador de tampa de panela. Faço um show de tampa de panela para sobreviver. Vou fazer o clube do panelaço.

Eu tenho um projeto do calçadão da 13 de maio, um estacionamento subterrâneo na Praça Dom Orione, que a qualquer momento aquilo vai acontecer porque um bairro que não tem condições de trazer o turista. Já foi falado na Emurb para fazer o estacionamento subterrâneo para 638 carros.

O Vereador Natalini tem feito alguma coisa pela gente e tenho certeza de que ele vai cooperar e os 55 Vereadores vão aceitar. E tem de agradecer o Zé Celso.

Agradeço aos Vereadores, agradeço a população do bairro do Bixiga, sem eles eu não vivo. Aqui é muito importante. (Palmas)

Muitas coisas vocês vão entender que o Centro Turístico Italiano, que eu venho de origem italiana, é necessário no bairro do Bixiga. Vocês conhecem e conhecem a culinária italiana. Que Deus abençoe vocês, principalmente o Zé Celso que segurou as pontas. Zé Celso, você está de parabéns. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Osvaldinho da Cuíca, estão pedindo que o senhor fale.

O SR. OSVALDINHO DA CUÍCA – Quero cumprimentar todos os presentes. O motivo da minha presença aqui é também em apoio a este projeto. Estamos cansados de ver só atenderem aos interesses outros que não ao do povo. Então, estou de acordo com esse projeto não da forma como muitos colocam aqui. Demorei para acordar. Estou com quase 80 anos e a vida inteira fui enganado como a maioria está sendo enganada aqui. A vida é assim mesmo, somos enganados por uma inteligência internacional e ficamos discutindo uma questão regional política que eles são manipulados por interesses internacionais, seja ele esquerda ou direita. Eu já penso diferente, não tem esquerda e direita, hoje, tem o bem e o mal.

Penso que Silvio Santos tem de concordar conosco, colaborar conosco porque ele cresceu também com o nosso dinheiro – trabalhou, merecidamente, ele não teve auxílio paletó e nem auxílio moradia -, mas também conseguiu fazer a vida dele com o nosso dinheiro. Então, nada mais justo que ele contribua conosco para que tenhamos uma cidade um pouco mais humana. Esse é meu ponto de vista.

Agora, não compactou. Quero deixar claro, já falei na Assembleia legislativa, no Senado Federal, estou execrado praticamente do sistema, podem ver que apareço pouco agora. Também não me interessa. Eu vi São Paulo dos anos 40, 50 e a melhor fase do Bixiga foi nos anos 70 não só em casas noturnas, restaurantes, como diversão, segurança. Você podia andar sem ser assaltado.

Então, a gente vivenciou e viu e também tenho uma experiência que pouca gente

tem, conheço metade do mundo, países comunistas e não comunistas. Só que não vou lá para tirar fotografia, não tenho fotografia da Rússia, de Cuba, de todos os países que fui seja o Japão ou qualquer outro.

Esta Casa deveria nos representar. Os políticos de hoje não nos representam tanto na Câmara, como na Assembleia e pior ainda no Senado Federal. Então, temos que acordar, abrir os olhos, que nós somos enganados, manipulados por cientistas políticos, criminosos internacionais, e, principalmente a classe da UNE, da qual eu fiz parte e trabalhei muito com a CPC UMES. Quem é mais antigo lembra que eu fiz trabalho de teatro e trabalho de cinema e trabalho de disco para a CPC UMES. Então demorou para eu acordar; demorou muito. Nós temos é que lutar contra esse sistema.

Eu cheguei aqui, botei o meu carro no estacionamento e vou pagar uma nota. Saio daqui, vou comer um sanduíche para ir gravar. E político não paga estacionamento. Aliás, ele tem auxílio gasolina. Nós temos que lutar contra esse poder no país. Que eles lutam contra os capitalistas que vocês estão lutando, e, na verdade, os maiores capitalistas do mundo é a classe política brasileira, que é quem mais ganha nesse país, e quem mais escraviza e nos engana.

O projeto do Bixiga: desde os anos 70, passou por vários governos, seja do Pita, seja quem for. No papel, eu vi um Bixiga maravilhoso, e eu só vejo a decadência do país e do Bixiga. Eu sou morador do Bixiga, nasci no Bom Retiro, onde nasceu o Corinthians. Precisa acabar. Mesmo os senhores que são políticos são brinquedos em meio ao que acontece atualmente no país. Quem não for patriota brasileira, vai perder a família, vai perder tudo, porque estamos na pior crise que já existiu no país. E é o eixo da América Latina que está sendo manipulado. Se vocês não abrirem o olho, e ficarem com negocinho aí, que nem eu...

Pertenci, com muita honra, voluntário, tanto lá nos Direitos Humanos, no Conde, como aqui, no Conselho Nacional (Ininteligível), e ainda defendo a minha cultura, o meu povo brasileiro. Defendo o samba, defendo o afro-brasileiro, mas não do jeito que vocês pensam, da

maneira como está sendo colocado. Vamos abrir o olho.

Eu não quero ocupar o espaço de outros para falar, eu acho que já falei, mas eu teria um dia para ficar falando aqui do meu descontentamento. Nós somos manipulados e os políticos também por criminosos internacionais do grande capital. Estão entregando a nossa pátria. Não melhorou nada. Eu estou vendo, de 70 para cá, a gente só indo para a falência. É isso que eu quero dizer.

Não compactuo com o negócio de botar mais cimento do Sr. Silvio Santos. Para ele, não é nada essa doação. Ele vai fazer um grande benefício para nós. Mas não como forma política. Eu não quero que seja usado pela Câmara, pela Assembleia ou qualquer partido político. Vamos lutar por nós, pelo povo. E vamos parar de separar o sulista do nortista, o negro do branco, porque isso tudo faz parte de um sistema criminoso.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Convido para falar do Sr. Zé Celso Martinez.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPPLY – Posso fazer uma sugestão?

Em 10, 15 minutos, se quiser fazer uma peça de teatro. Você cria e dirige.

O SR. ZÉ CELSO MARTINEZ – É que me intriga uma coisa.

O que eu tenho pensado ultimamente é o seguinte: durante 37 anos, o entorno do Teatro Oficina, que foi tombado pelo João Carlos Martins, pianista, pelo Azis Ab'Saber, pelo Flávio Império, enfim, e, depois, foi desapropriado e está na mão da Secretaria da Cultura, mas em nome da proteção da especulação financeira, para não conseguirem destruírem o que foi construído no Brasil inteiro, por todos os (Ininteligível) de patrimônio, os 300 metros do entorno do bem tomado, que é o Teatro Oficina. São nesses 300 metros do entorno que vai acontecer o Parque do Bixiga.

Mas, durante 37 anos, nós tivemos uma relação inclusive até boa com o Silvio Santos. Porque ele queria trocar o terreno, e nós tínhamos terrenos para dar em troca para ele, vindos do Ministério do Planejamento, da estrutura do Ministério do Planejamento, não dos

diretores. Porque mudou, veio o Golpe, veio tudo, mas a estrutura ficou apaixonada pelo projeto, então a estrutura manteve.

Agora, depois do Golpe, dos milhares de golpes que teve, aconteceu algo que está completamente secreto, ninguém pesquisou ainda, e isso tem que ser pesquisado, seja por jornalistas, seja pela Câmara dos Vereadores: o Silvio Santos não quis mais trocar o terreno porque ele recebeu do Alckmin, através, inclusive, da destruição do algo de patrimônio do estado... Inclusive, com a conivência do Secretário da Cultura, que não é nada, não existe, não tem autoridade para impedir que o Condephaat, hoje, seja “Conselho de Defesa do Patrimônio da Especulação Imobiliária”, não é mais da história da cidade, mais de nada. E depois, também, com o órgão municipal, a mesma coisa: tudo balançando para cercar de torres. As arquitetas são testemunhas: naquela reunião que fizemos, se saiu na internet, que muita gente viu, o Doria propôs que nós participássemos do plano que o Silvio Santos tinha para o bairro. E a Carila, o Rodrick, a Marília, várias pessoas foram lá, e eles viram o projeto para o Bixiga.

Para falar claramente, o projeto é um genocídio da população do Bixiga e uma destruição do bairro. Eles estão com um projeto que não é só no Teatro Oficina, de torres, mas no bairro inteiro. Porque, inclusive, o Silvio Santos foi comprando muita coisa no bairro e foi destruindo, foi comprando e destruindo; e até construiu alguma coisa. Então teve esse conchavo político, por interesse eleitoreiro, exclusivamente, que sacrifica o Teatro Oficina, que é considerado pelo The Guardian, entre os dez melhores teatros do mundo, o melhor. E é mesmo, é maravilhoso, é o terceiro teatro que a gente constrói lá.

Bom, eu, desde bebê, venho ao Oficina, porque o meu avô morava no Bixiga, e morava em frente onde é o Teatro Oficina. Então eu sou bixiguense total. Morei muitos anos no Bixiga. Depois, tive que me mudar para outro lugar, porque tive um problema no coração; tive que me mudar para perto do Ibirapuera para respirar. Bom, mas, enfim eu queria...

- Manifestações na galeria.

O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ - Espera um pouquinho. Eu falo nisso, mas

nenhum jornalista pesquisa, ninguém se interessa por saber. E eu acho isso um crime eleitoral. Isso é uma corrupção, porque, realmente, destruir um bairro? Encher um bairro de torres de cem metros, com custo caríssimo dos apartamentos, é mandar todo aquele povo embora e acabar com o lugar mais sagrado de São Paulo, um lugar onde brotou a cultura, onde brotou o povo, onde brotou a mistura de todas as etnias, de todos os sexos, de tudo, tudo, tudo; todas as artes, todos os teatros.

Quer dizer, é um lugar precioso. É uma delícia passar por lá, porque você vê gente andando, tem trabalho de funileiro, tem trabalho de consertar sapato, coisas que não tem mais em outros lugares. Quer dizer, destruir o Bixiga é destruir a vida. É vida, é a vida de quem mora lá, de quem criou lá, de quem fez brotar esse lugar maravilhoso.

Eu acho que tem que ser esclarecido isso, tanto com o candidato a presidente quanto com o candidato a governador, os dois do PSDB, e dizer para eles que Montoro, no tempo em que o PSDB era de centro-esquerda, que tinha Paulo Sérgio Pinheiro, um dos maiores nomes na defesa dos direitos humanos, naquele tempo o próprio Montoro desapropriou Oficina e está escrito no laudo: para proteção da especulação financeira, para o Grupo Silvio Santos não cair em cima. Entendeu?

E isso tudo não está sendo levado em consideração, porque ali está tombado, ele não precisava nem se preocupar com isso, porque nós conseguimos 90 terrenos para trocar por ele, com ele. Agora ele está interessado em destruir o Bixiga, porque dois políticos com interesse eleitoreiro propuseram isso. Não pode ficar assim. Isso tem que ser aberto. As pessoas têm que saber dessa negociata, como é que isso aconteceu, como é que ele passa da vontade de trocar para o desejo de ficar com tudo e destruir tudo. Não é assim. Esse bairro é vivo. De jeito nenhum, não pode deixar.

Aliás, eu juro, este ano de 68... Aliás, 1900 e... 2018... (Risos) É 68, porque ninguém falou besteira aqui, todo mundo falou aqui e agora, o que está acontecendo aqui agora. Sessenta e oito foi o momento em que o mundo todo sacou aqui agora. E aconteceu

novamente. A execução da Marielle – Marielle presente -; a execução do Edson Luís, em 1968, desencadeou um movimento que vai para lá dos partidos, que vai para lá e chega exatamente no que está acontecendo, está fervendo dentro do corpo de nós todos, nós todos que fomos condenados a um arrocho, da classe média para baixo, e os artistas que são considerados vagabundos.

Está tendo uma rebelião, está tendo uma Primavera entre os artistas! Nós estamos indo para o Rio de Janeiro, porque nós estamos sendo apoiados por artistas que estão fazendo levantamento de coisas para nos levar para lá com o *Rei da Vela*. O Carnaval deste ano, todos os blocos de rua trouxeram a rebelião. As escolas de samba do Rio arrasaram. Quer dizer, a gente não está mais passiva, o povo está respondendo: presente, Marielle, presente, presente, estou aqui, estou agora e estou a fim de... Este ano vai ser uma loucura, porque já teve ontem aquela... aquela... aquela... o que aconteceu no tribunal, prisão do Lula. Imagina! O que é isso?

Na realidade era o objetivo principal de tudo, porque nós votamos num projeto que contemplava cultura, que contemplava o social, que tinha Fome Zero, enfim, um programa que eu tenho saudades dele. Foi ótimo viver nesse período. Outro dia fui para Minas também... Eu não sou do PT, não, mas eu tenho que reconhecer que eu fui para Minas, que é do PT, o Pimentel governa lá, é outro país. Eu fui na televisão fazer um programa, está tudo na mão de uma juventude completamente livre. E o Prefeito de lá, que é do PSB, se juntou, então você pode respirar lá, não tem esse peso que tem aqui em São Paulo, no Estado, no Município, que estão terríveis, estão chegando ao nazismo.

Diante disso, se não houve exatamente... Está havendo, está havendo, está havendo. Isso que está acontecendo aqui nunca aconteceu, é a primeira vez que está acontecendo. É uma maravilha! É um despertar do Bixiga todo! É uma maravilha! É a Primavera do Bixiga! Deixa passar! (Palmas)

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado, Zé Celso. Vou passar rápido para a

Mesa, pessoal. Estou com o tempo estourado de verdade. Passar primeiro para o Paulo Garcia, da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, para fazer suas considerações rapidamente; em seguida, para os outros componentes da Mesa.

O SR. PAULO GARCIA – Boa tarde a todos. Primeiro quero agradecer e renovar que a Secretaria do Verde e Meio Ambiente está à disposição de todos.

Eu gostaria de homenagear cada vereador, cada pessoa presente na pessoa do Sr. Valter Taverna. Sr. Valter, foi revigorante ouvi-lo e eu passaria o dia ouvindo o senhor. Espero que, se o parque vier ou não, seja feito um busto em sua homenagem.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Vereadora Sâmia Bomfim, para suas considerações.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – Vou tentar falar brevemente, por causa do horário. Primeiro cumprimentar todas, todos, Presidente, todos que estão presentes na luta em defesa do Parque do Bixiga, mas não só disso, da história, da cultura e da resistência que pulsa naquele lugar maravilhoso, que na verdade é aqui do lado. A própria Câmara é, de certa forma, parte do Bixiga, ainda que aqui não tenha nada a ver com essa cultura e essa resistência que vocês trazem neste momento.

- Manifestações na galeria.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – Exatamente, neste momento tem, com poucas exceções, acaba tendo também.

Dizer que é uma luta muito bonita e muito emocionante com a que a gente se defrontou aqui na Câmara. Como vocês mesmos colocaram, um parque não é só um parque. Ele tem um poder simbólico, um poder político, inclusive um poder poético determinado tempo, porque ele tem um poder também totalizante, de significar uma série de elementos a partir da defesa concreta da construção, na verdade da manutenção de um parque, porque é um terreno aberto. Na verdade seria a ocupação da população de um espaço que já existe.

Um parque significa promoção de saúde pública, possibilidade de práticas desportivas; preservação do meio ambiente, porque seria a libertação do rio, reflorestamento, captação de chuva; também seria o estímulo e o direito à primeira infância, porque é um local de recreação, de ocupação pelas crianças; de cultura, de artes cênicas, pode ter ensaios de grupos de teatro, escolas de samba, baterias; enfim, a valorização arquitetônica do espaço; também de direito à Cidade, que é um tema tão raro hoje em dia, mas que é o fato de a gente ocupar aquilo que é nosso - a cidade deveria ser feita para acolhimento de diferentes segmentos da sociedade, de respirar e de viver em liberdade -; também a possibilidade de gestão democrática, tendo em vista que boa parte da argumentação é: bom, o parque ficaria abandonado pelo poder público, pelo contrário, a própria população ia tomar conta do espaço...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. SÂMIA BOMFIM - ... de definir como ele funciona pela própria ocupação e pela própria vivência.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – Não, ainda não. Do Jaraguá não, ainda bem que não.

Mas também significa, neste caso, como bem colocaram, o coração de São Paulo, a preservação de uma luta que tem a ver com histórias de famílias, de imigrantes italianos, mas também de indígenas, dos quilombolas que chegaram aqui e fizeram daqui um espaço de resistência. Tem um terço dos imóveis tombados da Cidade, tem escolas de samba, é o maior território com o maior número de grupos de teatro e de cultura. Uma coisa que eu não sabia, que eu soube esses dias, pesquisando, tem a geomorfologia intocada justamente pela preservação do patrimônio histórico.

Na verdade o que está em jogo neste momento não é só a destruição de todos esses elementos – como se isso fosse pouco -, mas também a possibilidade de revisão do zoneamento do centro da Cidade, que em outras palavras significa a força da especulação imobiliária agindo cada vez mais e que, em outras palavras, significa o extermínio da

população em situação de rua, significa o extermínio da população mais pobre, significa transformar o centro da Cidade cada vez mais no espaço dos nobres, dos cultos, daqueles que têm dinheiro, mas não no espaço de encontros e de possibilidades de fluidez de todos esses elementos que foram colocados aqui.

Acho que amanhã é um dia importante para a Cidade, me esculpem aqueles que gostam do Prefeito João Doria, mas é o fim da sua gestão... (Palmas) Acho que é um dia significativo. Perdoem-me aqueles que têm algum tipo de afinidade com ele, que estão aqui neste espaço, mas é um dia importante porque também é o fim, é a possibilidade do fim de um ciclo que está em jogo, em disputa o que pode acontecer a partir da...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – Exatamente. O Alckmin também vai sair do Governo do Estado. Muito bem pontuado. Mas vai chegar o novo prefeito, que é o Bruno Covas. Eu acho que pode ser uma oportunidade para ele mostrar que ele é diferente, como ele vem dizendo nas redes sociais e nas entrevistas. Eu duvido bastante, porque eles foram eleitos a partir do mesmo projeto, demonstram ser defensores do mesmo projeto, mas é uma oportunidade para ele fazer o que o Doria nunca fez, que é vir até esta câmara de vereadores e dizer qual é o posicionamento dele a respeito do Parque do Bixiga. Porque até então ele envia um secretário, outro secretário – com todo o respeito que está presente -, mas não tem uma posição clara. Afinal de contas o que eles querem fazer com a região do Bixiga, com aquele terreno que deveria ser um parque?

O que a gente viu até agora foi o Doria indo até um programa do Silvio Santos, utilizando a rede de tevê aberta - que devia ser uma concessão pública, inclusive devia ter democratização dos meios de comunicação, mas é outro debate -, para defender sua própria gestão, defender a reforma da Previdência, defender uma série de elementos. Mas vir até aqui conversar com a Câmara e com a população ele ainda não fez. Então acho que um encaminhamento que a gente poderia fazer já, vereadores, é convidar o Bruno Covas para que

ele se posicione publicamente, para que ele conheça esse movimento e veja a bucha que ele vai ter que enfrentar se escolher o lado dos especuladores imobiliários. (Palmas)

Para concluir, porque eu já falei bastante, dizer que eu entendo também aqueles que defendem...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – Só para concluir rapidamente, Vereadores, dizer que também entendo aqueles que têm a disposição de já colocar a possibilidade de permuta de terrenos como uma saída, mas acho que isso tem que ser a última saída, a última possibilidade. Primeiro porque ele já quis permutar e mudou de ideia, não à toa, porque acho que depende muito da lógica do que é mais lucrativo, e ele só vai aceitar permutar o terreno se o outro terreno for mais lucrativo.

E a possibilidade de construção...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – Exatamente.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – É tudo. Exato.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. SÂMIA BOMFIM – Porque ele só vai trocar se ele vir que aquilo tem mais valor para os interesses dele do que o próprio Oficina. Só que a possibilidade de construção de torres em outro espaço pode ser a destruição de outro território em outros lugares. Por isso que isso, no limite, pode ser uma possibilidade, mas tem que ser a última.

Para concluir de verdade, não tem problema nenhum o Silvio Santos perder um pouquinho de dinheiro, porque ele já tem tanto dinheiro, ele já tira tanto dinheiro das pessoas indiretamente, que acho que agora vale mais a pena a preservação dessa cultura, da política e da história do Bixiga do que os interesses mesquinhos do Silvio Santos.

É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Obrigado, Sâmia.

O Vereador Suplicy ainda vai falar.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Faremos num lugar maior. (Palmas)

Suplicy.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUP LICY – Levando em conta tudo que vocês nos disseram hoje, do que é o espírito da Mesa, inclusive do Sr. Paulo Ricardo Garcia, que se mostrou – acredito – persuadido pelo testemunho e argumentos de todos aqui, caro Presidente Alfredinho, escrevi um requerimento para depois escrevermos de forma mais completa, mas para que sejam convidados, em reunião conjunta das Comissões de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, de Educação, Cultura e Esportes, da qual sou membro, e de Direitos Humanos, da qual sou Presidente – porque este assunto se refere a direitos humanos também -, e que organizemos uma audiência pública com a presença do Prefeito Bruno Covas, do Secretário de Cultura André Sturm, do Silvio Santos, do José Celso Martinez Correa e de todos vocês. E, aceitando, vamos propor que isso seja realizado no auditório do oitavo andar, no Salão Nobre, em que cabem 370 pessoas. Ali será um lugar adequado. Acho que nesta reunião também vamos acrescentar alguns nomes, como do pianista João Carlos Martins, que tombou o teatro, e algumas artistas além das que estão aqui, como Fernanda Montenegro, depois pode sugerir alguns nomes, para estarem presentes, e Antônio Fagundes...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUP LICY – Não?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUP LICY – Ele foi contra? É, está certo. Qual outro nome de ator, atriz?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUP LICY – Sérgio Mamberti. (Palmas) Sérgio

Mamberti mora no Bixiga.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Rosi Campos. Depois a gente conversa mais. Esse requerimento que estou esboçando aqui deverá ser apreciado em reunião ordinária dessas três comissões. Se nós três estivermos de acordo, vamos apresentar conjuntamente para que todos venham a aceitar.

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Totalmente de acordo.

O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY – Então, para tirar a foto...

O SR. PRESIDENTE (Alfredinho) – Só vou encerrar oficialmente, para cumprir o Regimento.

Não havendo mais nada a tratar, dou por encerrada a audiência pública da Comissão de Política Urbana.

Muito obrigado.